

# Diálogo com Paulo Freire

*Não foi fácil conseguir uma vaga na agenda de Paulo Freire, Seu espírito irrequieto se divide entre aulas, palestras, seminários e sucessivas viagens pelo Brasil e Exterior. Aos 65 anos, os planos e sonhos continuam, tentando atenuar a saudade que sente de sua companheira Elza, falecida recentemente.*

*Paulo Freire formou-se em Direito, mas logo percebeu que sua vocação era a educação popular. Fez uma revolução no método de alfabetização de adultos: em 45 dias as pessoas aprendiam a ler e escrever. A cartilha básica surgia através de uma pesquisa no dia-a-dia da comunidade, onde eram escolhidas as palavras mais importantes. Estas palavras geradoras serviam para a conscientização das pessoas sobre seu próprio universo.*

*Em 1964, Paulo Freire foi exilado, voltando somente em 1980, depois de ter colaborado nos projetos de educação popular nas ex-colônias portuguesas da África, no Chile, no México, nos EUA e como consultor da UNESCO e do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra.*

**J.C.:** Como nasceu a idéia do "Método Paulo Freire"? Foi um estalo ou um acúmulo de experiências?

**Paulo Freire:** O que se chama "estalo" é só um momento de um processo. No esforço criador, o que às vezes parece o primeiro estalo na verdade não o é. Foi precedido de outros estalos que, juntos, nos tornam capazes de trabalhar mais profundamente, o que à primeira vista, estaria sendo o primeiro. O estalo final é o momento de quase "adivinhação" que a gente experimenta no processo de conhecimento, é a intuição de algo, é esta coisa misteriosa que nos deixa desconfiados de que há algo sobre o que pensar, trabalhar, de que há algo a investigar. Entretanto, é preciso não ficar satisfeito com o estalo em si mesmo. O fundamental é tomar seriamente, rigorosamente o objeto do estalo, da intuição e desvelá-lo na prática, de criticamente refletirmos sobre ele. Neste sentido, metido na prática social de que faço parte, provocadora de estalos, tudo o que venho fazendo, sobre que venho falando e escrevendo, está cheio deles. O que jamais fiz foi ficar satisfeito com as minhas intuições.

**J.C.:** Diversos países receberam o educador Paulo Freire e aproveitaram seu método. Das experiências que pôde acompanhar, qual delas mais marcou e teve melhores resultados práticos?

**Paulo Freire:** Acho que devo arriscar a resposta a esta pergunta de maneira pouco humilde, talvez. De qualquer forma, me parece importante dizer ou deixar claro que nem sempre vou a este ou aquele país para trabalhar especificamente nisto que você vem chamando de "método", naturalmente se referindo à alfabetização de adultos. Mesmo quando o tema central é este, há desdobramentos necessários que me levam à discussão da pós-alfabetização e do ensino em geral. Por outro lado, insisto sempre, aonde quer que eu vá, na necessidade de os educadores locais me recriarem. As práticas não se exportam, se refazem, se recriam. É importante esclarecer também que há diferentes motivações para os convites que venho recebendo. Ora sou convidado por uma universidade para participar de um debate geral, não necessariamente sobre minhas idéias, ora para discutir com um grupo de estudantes de pós-graduação, que passou o semestre lendo e estudando obras minhas. As vezes para dirigir um curso de verão ou para coordenar seminários com educadores populares, às vezes para trabalhar no campo da alfabetização de adultos, como foi o caso de quatro das ex-colônias portuguesas na África, o caso da Nicarágua ou de Granada, no Caribe, ou o caso do Chile, no começo do meu exílio, em 1965. Recentemente, entre um sem-número de trabalhos, de que tenho notícia, na linha da reinvenção do que tenho proposto, citaria, no Exterior, o que vem sendo feito no deserto, ao norte do Quênia, na África, nos limites com o Sudão, Etiópia e Somália e no Brasil, o que está sendo desenvolvido na cidade de

sa por meus anos de exílio. Finalmente, minhas relações com diferentes setores da USP, para não falar nos amigos que nela tenho, sempre foram boas. Tenho sido convidado para participar de bancas de exame do mestrado à livre-docência e Paulo Freire é até nome de Centro Acadêmico.

**J.C.:** Lendo seus livros, não dá para ficar convencido que a libertação/conscientização do oprimido, liberte e conscientize o opressor. Isto já aconteceu na prática?

**Paulo Freire:** Na verdade, o que eu disse e tenho dito, a partir da Pedagogia do Oprimido, é que, na luta por sua libertação, os oprimidos, enquanto classe, terminam por libertar os opressores, como classe também. Esta é uma libertação ética e que ocorre pelo fato de a transformação realizada na sociedade proibir que os antigos opressores continuem oprimindo e explorando. Os opressores são libertados porque já não podem oprimir. Isto não significa que se sintam libertados. Pelo contrário, se sentem oprimidos precisamente porque já não



*"Nossa vida em comum estava longe dos adocicamentos mediocres e das arestosidades dos equivocados."*

podem oprimir. Nunca disse que era possível converter os opressores, como classe, à luta de libertação dos oprimidos. Esta santa ingenuidade eu nunca tive. O que a história tem mostrado é que, apesar da posição de classe, é possível a indivíduos fazer esta conversão. Marx não era um camponês ou um trabalhador urbano; Fidel, Guevara, também não. O que a história jamais mostrou foi uma classe toda convertendo-se de dominante a libertadora dominada. Para a classe dominante, enquanto tal, a conscientização de si mesma significa tornar-se mais competentemente dominante e a conscientização da classe trabalhadora necessariamente uma ameaça à dominante. Daí a natureza subversiva da conscientização da classe trabalhadora vista pela classe dominante.

**J.C.:** De que forma e até que ponto o método educacional empregado nas escolas brasileiras tem refreado um processo social revolucionário? Quais as mudanças que os educadores podem introduzir, mesmo dentro do atual sistema educacional, com o objetivo de libertar os oprimidos/educandos?

**Paulo Freire:** Vou tentar falar um pouco sobre as questões que se encontram embutidas nestas perguntas. Um primeiro aspecto a ser ressaltado é o da necessidade que temos de compreender criticamente os limites e as possibilidades da prática educativa. A educação não é realmente a alavanca da transformação revolucionária, mas a transformação revolucionária é, em si, educativa. Não é a educação sistemática, a rede de escolas do Estado, a que constitui a sociedade desta ou daquela forma, é a sociedade organizada de certa forma em função dos interesses de quem tem o poder, a que estabelece a escola. Isto significa haver uma expectativa das classes dirigentes em face de como a escola deve funcionar, no sentido de contribuir para a sua permanência no poder. É verdade, não pode haver dúvida em relação a isto. Mas, o outro lado da questão é que o papel da escola não termina ou se esgota aí. Há outra tarefa a ser cumprida nela por todos os educadores cuja opção política seja a da transformação da sociedade que aí está. Esta tarefa que exige de nós, os que temos opção progressista, de um lado, lutar incansavelmente pela escola pública, de outro, tentar ocupar seu espaço para fazê-lo melhor, tem de ser cumprida competentemente. O professor progressista deve estar constantemente engajado na busca de ampliação da competência necessária à sua prática docente e deve, por isto mesmo, com clareza patética, lutar por melhores salários e melhores condições materiais, para o desenvolvimento de sua prática. Consciente dos limites de sua prática, o professor progressista sabe que a questão que se coloca não é a de esperar que as transformações radicais se realizem para que possa atuar. Sabe ter muito o que fazer dentro da escola para ajudar a própria transformação radical.



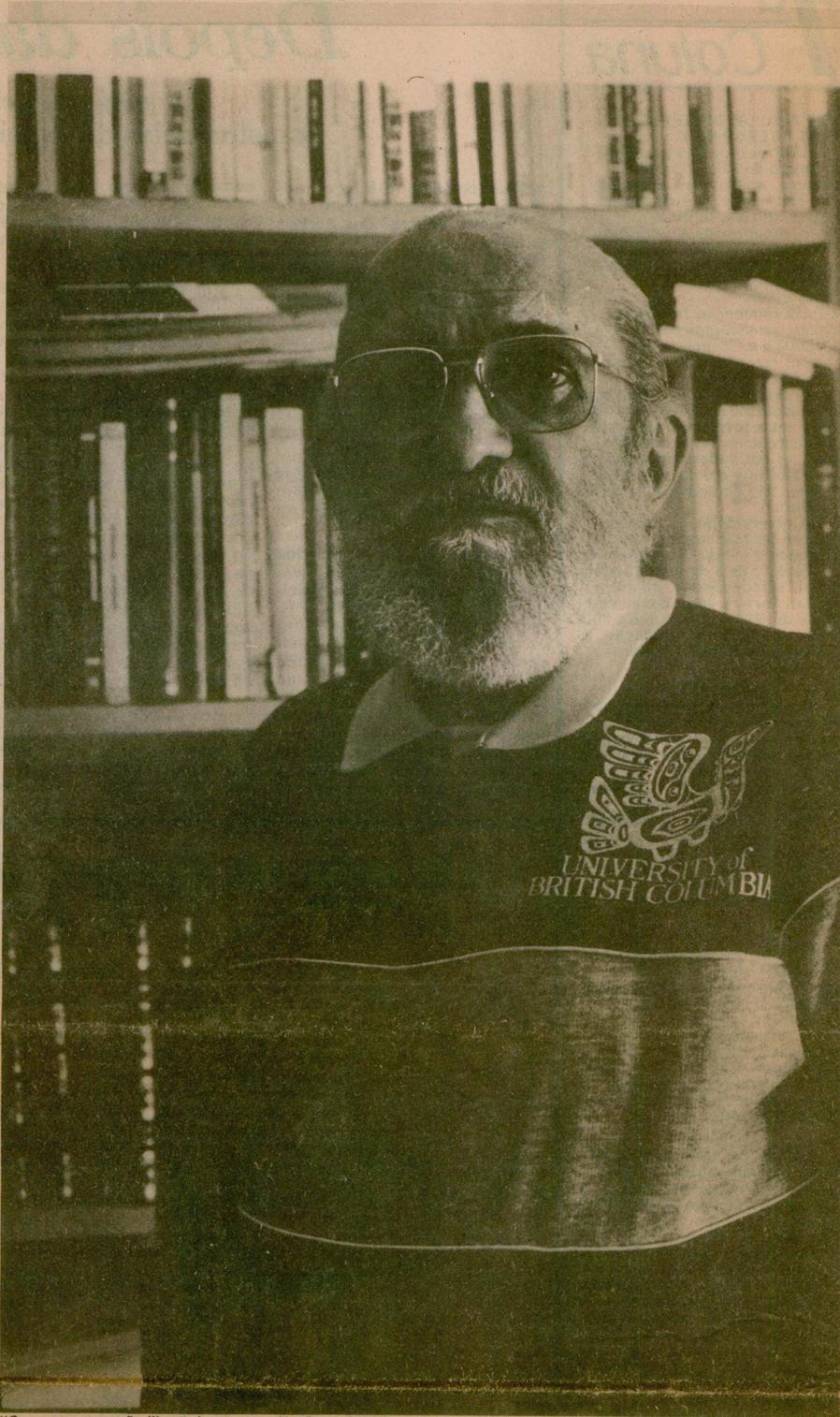
*"Se proprietários de terras paralisam estradas, nada ocorre, mas se trabalhadores se organizam, são reprimidos."*

Cabo, na Grande Recife. Nesta pequena cidade, próxima ao Recife, há agora 175 círculos de Cultura, sob a orientação geral da Secretaria Municipal de Educação e a coordenação de uma pequena, mas competente, equipe de educadores. Tudo funcionando muito bem. De modo geral, todos os lugares por onde passei me marcaram. Aprendi algo neles, ensinei algo neles. Tive sucessos e insucessos. Estou contente.

**J.C.:** A USP demorou a integrar Paulo Freire em seus quadros. A que você atribui isto? Como é sua relação hoje com a USP?

**Paulo Freire:** Em primeiro lugar, não estou integrado à USP. Sou uma espécie de professor visitante no curso da professora Ana Mae, o que é, para mim, uma imensa satisfação. Em segundo lugar, nem a USP tinha necessariamente que me integrar a seus quadros, nem, por outro lado, jamais esperei em meu longo exílio de quase 16 anos que nenhuma universidade brasileira tivesse o dever de me integrar a ela, como uma espécie de recompen-

Pedro Ortiz



*"Os opressores são libertados porque já não podem oprimir. Isto não significa que se sintam libertados."*

**J.C.:** Existe outra forma de libertação que não seja a educação crítica?

**Paulo Freire:** O educador progressista, mesmo trabalhando numa sociedade de classes como a nossa, sabe que tem o que fazer no espaço da escola. Sabe que uma de suas tarefas na prática docente é contribuir para o esclarecimento da realidade, envolvida pela ideologia dominante. Sabe, contudo, que libertação é processo que se dá na história, socialmente, na praxis e não na cabeça das pessoas. Isto não diminui em nada a importância da educação crítica mas sublinha a necessidade de lutarmos criticamente no sentido da mobilização e da organização das classes populares com vistas ao poder.

**J.C.:** Acabou a ditadura que exilou Paulo Freire?

**Paulo Freire:** Sim. Mas isto não significa estarmos vivendo sequer uma caminhada a passos largos em direção a uma sociedade mais democrática. Os chamados entulhos autoritários estão aí. Experimentamos uma transição cheia de restrições, de violência, de repressão às classes trabalhadoras, às classes populares. Se proprietários de terra paralisam estradas, pequenas cidades, enchendo ruas com suas máquinas, nada ocorre, mas se trabalhadores se organizam para reivindicar seus direitos, são reprimidos. Somos uma sociedade em que 58 a 60% da população vive com enorme dificuldade. Podemos imaginar por aí os índices de desnutrição que temos, os de mortalidade infantil, os de analfabetismo. Oito milhões de crianças em idade escolar fora da escola. Outros tantos sendo expulsos dela, enquanto algumas pessoas, estudando este fato, falam de "evasão escolar". Sei que a superação disto tudo não se faz da noite para o dia, não se faz na cabeça da gente nem tampouco por atos voluntaristas. Sei também que só se realiza esta superação pela mobilização e pela organização das classes populares com vistas não apenas à tomada do poder, mas à sua reinvenção. E isto só se faz através de uma prática política progressista, substantivamente democrática, que não pode ser, por isso mesmo, a prática das classes dirigentes. Sobre estas obviedades venho falando sobretudo a partir da Pedagogia do Oprimido que, por sinal, acaba de ter, na sua 17.ª impressão no Brasil, pela Paz e Terra, finalmente, a primeira edição realmente decente. De qualquer maneira, porém, me parece óbvio que o espaço político de hoje não é nem poderia ser o mesmo que tivemos nos diferentes momentos do regime militar ou da ditadura militar.

**J.C.:** Que acontecimentos mais marcaram e influenciaram sua vida?

**Paulo Freire:** Quando chegamos aos 65 anos, um sem-número de fatos, de presenças, de ausências, de acontecimentos sociais, históricos, mas também de ordem pessoal, deve nos haver tocado, ferido, gratificado. A Revolução

de 1930, quando tinha nove anos, as conversas de meu pai com um tio meu sobre os descabidos, as falcatruas, a corrupção. Nunca pensei que um dia, quando fosse mais velho que meu pai, pudesse ter com meus netos a mesma conversa que ele tinha em nossa presença e também conosco. O movimento armado de 35, que a direita insiste em chamar de "intentona comunista". Os meus banhos de rio, em que, de vez em quando, repetindo Manuel Bandeira — "via uma moça nuinha, o coração batia" e vinha o alumbramento. As namoradas da adolescência, de algumas de entre as quais me lembro hoje com ternura. A dificuldade com que estudei, o sonho de ser professor, a primeira aula de sintaxe. Minhas experiências de educação popular, nos morros do Recife, nos seus córregos, nas áreas rurais de Pernambuco, meu aprendizado com o povo. Meu namoro com Elza, meu casamento com ela, cinco anos mais velha do que eu e ganhando bem mais do que eu e sendo ambos do Recife, cujo machismo recusava — espero que hoje esteja melhor — uma tal relação. Homem não podia ser



*"O educador progressista sabe que tem o que fazer no espaço da escola."*

mais moço que mulher e, pior ainda, ganhando bem menos do que ela. Isso punha em risco o poder do homem. Nunca houve entre nós nenhum poder em risco. O nosso amor não era de brincadeira, não era grande, foi se tornando grande, grandão. Era um amor de mãos dadas, um ajudando o amor do outro, a ir-se curando de seus defeitos. Foi assim que fomos aprendendo a não ter medo de errar, ou, melhor ainda, a perceber, primeiro, que nem tudo o que se pensa errado é erro mesmo, segundo, que trabalhando o erro com humildade e seriedade, a dois, é possível criar o acerto. Andando, tropeçando, equilibrando-se, correndo, indo, voltando, subindo, caindo, levantando-se, andando de novo, chorando de dor e de alegria, foi nossa vida em comum, por tudo isso, uma vida de cara e traços marcados fortes. Nossa vida em comum estava longe dos adocicamentos mediocres e da arestosidade dos equivocados. A experiência de Angicos, o Golpe de Estado de 64, minha prisão e exílio. Esta é a relação, muito mais um salpico de fatos que me marcaram fundamentalmente. A minha vida intelectual, meus estudos, minhas leituras, tudo isso se deu neste marco em que a presença de Elza é um ponto de força. Sua morte recente, o vazio no qual tropeço em sua ausência, a saudade que não pôde ainda ficar bem comportada, pousada num riso leve e num olhar perdido, esta é a razão da dor mais profunda que me marca hoje e me obriga o reinventar minha cotidianeidade.

Magda David Hercheul